

PREVISÕES: Analistas de bancos calculam que, na melhor das hipóteses, a economia deverá crescer 2% no próximo ano

Agricultura e construção salvarão o PIB em 98

Investimentos feitos por empresas privatizadas deverão saltar dos atuais US\$ 8 bi para US\$ 12 bi no ano que vem

José Luiz da Conceição

Aguinaldo Novo

• SÃO PAULO. Os investimentos em privatização, ao lado do desempenho esperado para os setores de agricultura e construção civil, devem amenizar o desaquecimento econômico previsto para o ano que vem. A avaliação está sendo feita por bancos e empresas que gastaram estes últimos dias de dezembro fazendo projeções para 1998. Pelos cálculos disponíveis, só os investimentos a serem feitos por empresas privatizadas devem saltar de US\$ 8 bilhões (resultado projetado agora em 1997) para cerca de US\$ 12 bilhões. Em tempo: este valor não leva em conta o dinheiro que será arrecadado pelo Governo com a venda de estatais.

Esta é uma boa notícia para o brasileiro, que anda alarmado com as previsões de um crescimento medíocre do Produto Interno Bruto (PIB) em 1998. De fato, os especialistas esperam um ano difícil. Na melhor das hipóteses, o PIB vai crescer 2%. Será menos do que os 3,4% deste ano e o pior resultado desde 1992, quando o país amargou queda de 0,8%. O otimismo dos bancos e empresas reside na constatação de que aqueles três setores deverão ser relativamente pouco afetados pela conjuntura atual.

Privatização do sistema Telebrás é o destaque do programa

Na área das privatizações, 1998 será um ano cheio. A grande jóia do programa é a conclusão do processo de privatização do sistema Telebrás, com a venda da Embratel e das 27 companhias estaduais — que o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, deseja ver agrupadas em três *holdings* regionais. Há oportunidades também na área de energia elétrica, com venda de Furnas, Eletrosul e as energéticas do Estado de São Paulo, avaliadas em R\$ 12 bilhões. A multinacional alemã Siemens, por exemplo, já fala em investir US\$ 50 milhões no país. Mantido o atual ritmo nas encomendas, a previsão da empresa é fechar 1998 com aumento de 20% no faturamento. Detalhe: no exercício fiscal encerrado em setembro passado, a Siemens faturou US\$ 1,6 bilhão, não à toa seu melhor desempenho em 92 anos de operação no Brasil.

— Depois de um início de ano de fraca atividade econômica, os grandes investimentos terão força para sustentar a alta do PIB — diz o diretor da área de economia da Siemens, Antonio Correia Lacerda.

— O quadro no curto prazo realmente não autoriza a queima de fotos. Mas a expectativa é de uma melhora nas contas públicas e de reaquecimento da economia a partir da segunda metade do ano. No final, o saldo será positivo — completa Carlos Kawall, economista-chefe do Citibank.

As projeções de economistas e empresários ouvidos pelo GLOBO para o PIB variam de -0,2% a 2%. A estimativa de queda de 0,2% foi feita pela Garantia. O desaquecimento da economia virá em consequência da alta de juros e do pacote fiscal, que vai recolher mais impostos de empre-



O DIRETOR DA Siemens, Antonio Correia Lacerda: grandes investimentos vão alavancar a economia no ano que vem

sas e pessoas físicas, e será sentido com mais intensidade no primeiro trimestre de 1998. Neste período, é muito provável ter variações negativas para o PIB. José Antonio Pena Garcia, economista-chefe do BankBoston, explica que os setores que dependem diretamente de crédito vão sofrer como nunca. Exemplos: eletroeletrônicos e automóveis.

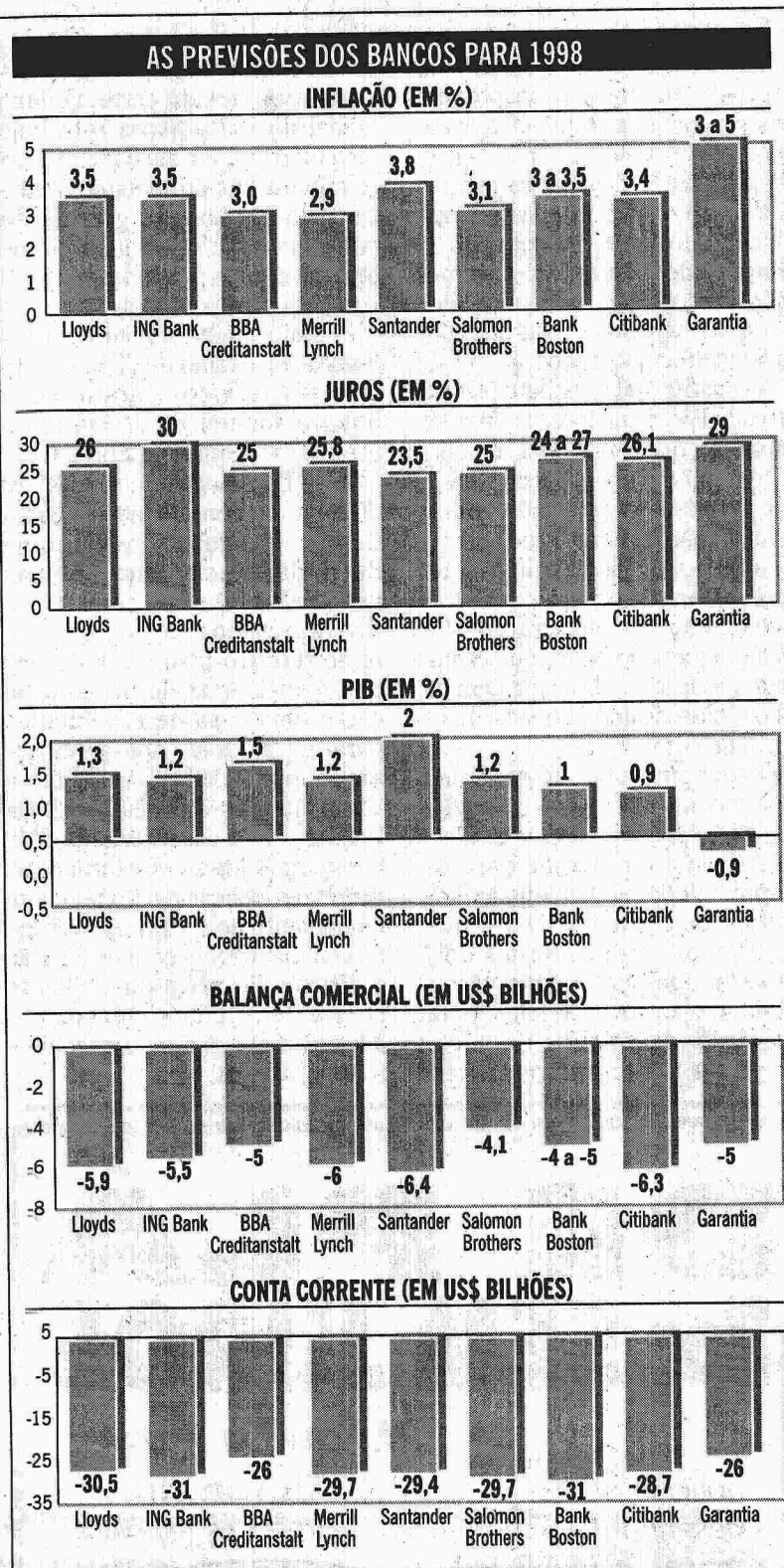
A Philips foi uma que reviu seus planos para o ano novo. Ciente de que aparelhos de TV ou videocassetes deverão encalhar nas prateleiras, a empresa vai ampliar sua atuação em outros seto-

res, aproveitando principalmente os negócios ligados à expansão das telecomunicações. Assim, a Philips vai aumentar a fabricação de celulares, de mini-antenas parabólicas (para operação em serviços de TV por satélite) e de equipamentos para a área de informática. Hoje, de cada R\$ 4 que entram nos cofres da empresa, R\$ 1 vem da venda de aparelhos de televisão.

— Nem mesmo a Copa será suficiente para reverter a queda de vendas no caso dos bens duráveis — diz o economista do BankBoston.

A recuperação definitiva da economia vai depender da trajetória dos juros ao longo de 1998 e as apostas dos especialistas é de que ela será declinante. Hoje, atualizadas, as taxas chegam a 40%; devem fechar 1998 em 25,9%, na média da opinião dos especialistas.

Com os recursos gerados pelo pacote fiscal, o Governo vai poder respirar um pouco mais aliviado no que se refere à balança comercial e ao saldo da conta corrente. No caso da balança, o efeito não virá tanto pelo aumento expressivo das exportações,



dência do país do dinheiro externo. Nos dias mais agitados de outubro e novembro, o Banco Central foi obrigado a intervir várias vezes no mercado para conter o ataque especulativo ao real. Teve êxito, mas ficou impossível para o Governo esconder os riscos que ainda rondam o plano econômico. Com o desaquecimento da economia, a aposta é reduzir o déficit em alguns bilhões de dólares. BBA e Garantia, por exemplo, trabalham com um déficit de US\$ 26 bilhões — contra US\$ 33 bilhões em 1997. Entre as instituições consultadas pelo GLOBO, ING Bank e BankBoston foram as mais pessimistas, com estimativas de US\$ 31 bilhões.

Só as reformas podem reduzir a dependência externa

— Para diminuir sua dependência externa de forma definitiva, o Governo precisa ir mais longe. Precisa avançar a todo custo nas reformas constitucionais — alerta o economista-chefe do Lloyds, Odair Abate.

As estimativas dos bancos têm como premissa básica a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. O único fator que poderia abalar esse favoritismo seria o desemprego. ■

• BNDES: INVESTIMENTO EM PROJETOS SOCIAIS na página 49

mas por conta do desaquecimento da economia. Com a redução de vendas, as empresas tendem a procurar o mercado externo para escoar seus excedentes. O BBA Creditanstalt acredita que as exportações devem passar de US\$ 52,8 bilhões para US\$ 57 bilhões. Já as importações vão oscilar muito pouco em relação aos US\$ 62 bilhões deste ano. Antes da crise na Ásia e do pacote, a expectativa era que as compras no exterior chegassem a quase US\$ 70 bilhões.

O saldo em conta corrente é um indicador do grau de depen-